

## Bruno, a poesia

João Carlos Pereira

A tessitura poética de Bruno de Menezes foi preparada com os fios que compuseram a vida de Bento Bruno de Menezes Costa. O poeta e o homem são, na verdade, o traço unitário que aproxima a vida e a arte, formando, enfim, uma ligação humana, já percebida por Acyr Castro, ao citar um comentário de Flaubert sobre Bovary: “Era a sua raça como era sua criação estética”. E mais: o poeta que buscava a liberdade da palavra e da forma, essa, por assim dizer, carcereira da expressão mais autônoma, habitava a alma de um homem cuja existência foi uma bandeira desfraldada em favor e no sentido mais amplo de uma consciência individual (e social) livre.

O poeta, que se apresenta timidamente, em 1920, com um livro de poemas chamado *Crucifixo*, “um opúsculo místico-lírico-simbolista”, segundo Sebastião Piani Godinho, podia não ter claramente delineado o próximo passo. Mas sabia, sim, ele sabia, que o operário que havia composto aqueles versos não poderia continuar a preencher uma expressão que, antes de tudo, era intrinsecamente sua, nas formas de um passadismo ainda vivo e cujas perspectivas de que virasse fumaça praticamente inexistiam. A inquietação pela maneira nova de poder dizer já era anunciada. Não em livro, é verdade, porque *Crucifixo* está preso ao seu momento e, em especial, à sua terra, que não ouvira falar, até então, no sopro de mudanças que viria pela frente. A presença de Segal, Anita e Brecheret, apenas para tomar emprestada às artes plásticas uma referência de renovação, não era sequer imaginada. O que estaria por vir, então, seria delírio. Caso de hospício. Mas, Bruno de Menezes sabia que como estava não poderia ficar. E perto dele, Eneida. E perto dos dois Abgvar Bastos, hoje, com 90 anos, lúcido e feliz, a testemunhar com detalhes a chegada de uma nova estética. De uma arte nova, como pedia o poeta num poema de 1920 (dois anos antes de 22), publicado em um jornal de Belém. O soneto “Arte Nova” — dá ao leitor a mesma impressão de sonho e viagem que algumas peças de Auguste Rodin parece terem, querendo se libertar do mármore de onde brotaram. E sem poder.

### “ARTE NOVA”

“Eu quero um’Arte original... Dai esta insatisfação na minha Musa!  
Ânsias de ineditismo que eu não vi e o vulgo material inda não usa!  
E a idéia é ignota... A Perfeição em si,

Tem segredos de morte e alma reclusa...  
Sendo a glória espinhosa, — eu me feri...  
justo é, pois, que este sonho arda e relusa!...

Toda a volúpia estética do Poeta  
que eu sou, — para a Poesia que em mim sinto,  
provém desse Querer em linha reta!

Gloriosa um’Arte que os Ideais renova!  
— Razão da causa por que eu me requinto  
na extravagância de uma imagem nova!”

Um novo Bruno de Menezes haveria de aparecer, em livro, quatro anos depois do lançamento de *Crucifixo*. Quem acompanhava, pelos jornais, os poemas que publicava, talvez não deva ter estranhado um poeta que trouxe, para a poesia, pela via da renovação, a língua do povo. O *Bailado Lunar* é, na verdade, o primeiro grito de modernidade lançado no Norte. Esse livro, de versos brancos, aparece e apanha desprevenida uma cidade que não sabia ouvir coisas como “A Lua desmaiou nos braços das estrelas!”. A métrica e a rima não desmaiaram como a lua, mas desapareceram, ou melhor, perderam seu caráter de obrigação. Mas seriam chamadas pelo poeta no momento em que achou necessário reconvocá-las. O que se percebe, então, é que, senhor de sua poesia, Bruno podia ser o que bem entendesse e fazer o que bem quisesse. Essa a lição que um Manuel Bandeira deixava e que o “Poeta da Lua” aprendera antes que o mestre a ensinasse.

Se a poesia de *Bailado Lunar* já tinha ares de renovação, uma antologia publicada pela empresa “Guará”, em 1931, colocaria de vez a nova estética tão sonhada por Bruno nas terras do Pará. É verdade que Mário de Andrade e Manuel Bandeira já haviam estado em Belém e presenteado a cidade com uns versos tão lindos sobre a “nortista gostosa”. Mas o que Bruno de Menezes tinha a ver com eles? Talvez tudo e com certeza nada. O homem simples que era não chegaria aos inovadores da poesia brasileira. Até porque talvez nem fosse preciso, já que *Bailado Lunar* apareceu antes deles e, com a coletânea a que chamou de *Poesia*, estava firmado o espírito moderno. Está certo que *Poesia*, ainda contemplava aqueles versos de *Crucifixo*, mas sob o mesmo teto abrigava *Bailado Lunar* e um livro quase completo, intitulado *Versos Brasileiros*, dedicado a Jorge de Lima, seu poeta querido, e considerado como a primeira edição de *Batuque*.

A publicação de *Batuque* foi um acontecimento na história da literatura no Pará. A trajetória do li-

vro, também. Digam-no as seis edições que a obra já mereceu, às quais se junta esta, tão oportunamente lançada pelo governo do Estado do Pará, através da Secretaria da Cultura, com apoio da Companhia Vale do Rio Doce. *Batuque*, dizia o romancista Dalcídio Jurandir, “é um retrato de Belém, história do Umarizal, da Pedreira e da Cremação; do cais e das velhas docas. O subúrbio e o terreiro, em suas páginas estão dançando e cantando. O livro, por isso, tem uma saborosa força nativa e o poeta nos transmite a ‘vida brasileira que ele viu, gozou e viveu’ nesta Belém tão sua. *Batuque* tem uma importância histórica e literária na poesia brasileira, sobretudo na poesia da Amazônia. O poema atravessa a cidade como um igarapé de maré cheia... *Batuque* faz parte de nossa cidade como a Sé, a tacacazeira, a lembrança de Angelim, o Ver-o-Peso”.

Em *Batuque*, Bruno de Menezes se completa como poeta. O livro de 31 ganha novos poemas: “São João do Folclore e Mangericos”, “Mãe Preta” e “Cavaleiro Jorge”. A obra é enriquecida de musicalidade, de recursos estilísticos novos que trariam para a literatura do Norte o cheiro e os sabores de África, tão vivos e tão presentes na Belém que maternou sua literatura.

Saído das oficinas de H. Barra, *Batuque* introduz na literatura da Amazônia o tema da negritude nunca antes tratado com tanto respeito e com tanto amor. Os ritmos da raça, seus odores, a visualidade que permitem os poemas tão plásticos se misturarem à temática do amor, da mulher, da paixão e da própria vida, realizando um conjunto uniforme em que o que avulta em primeiro plano é o povo. O que há de genuinamente popular na vida de Belém, o que tem jeito, hálito e forma de gente da rua cresce em importância na poesia de Bruno de Menezes, que não faz uma simples transposição do que vai no chão batido para a letra de forma. Essa alquimia é realizada pela palavra poética, essa “Caixa de Pandora de onde saem”, segundo Roland Barthes, “todas as virtualidades da linguagem”. A palavra, da qual Bruno era mestre, mestre no sentido paundiano, faz a fala poética, ainda como demonstra Barthes, “uma fala terrível e inumana. Institui um discurso cheio de buracos e cheio de luzes, cheio de ausências e de signos supernutritivos, sem previsão nem permanência de intenção”.

A poética de Bruno de Menezes, experimentada em *Batuque*, é a poética da música, esse fio que ligaria o moderno, o eterno, ao tempo de um simbolismo passado, mas nunca totalmente esquecido. A musicalidade que o poeta captava nas ruas era registrada em casa por uma das filhas de Bruno, a professora e pianista Maria Lenora Menezes de Brito. “O papai chegava em casa e ia logo pedindo para que a Lenora grafasse na pauta musical uma composição que ele ouvira numa manifestação folclórica. Ele cantarolava a melodia, porque gravador na época não havia. E fazia um esforço enorme para não perder o ritmo”,

conta a professora Maria de Belém Menezes, filha de Bruno.

Da mesma forma como há esculturas que aspiram a ser pinturas e quadros que estão implorando para serem peças escultóricas, há poemas que suplacam por uma alma musical. Assim eram os de *Batuque*. E esse clamor pela música é percebido pelo leitor que, envolvido no estado poético criado pelo autor (essa seria sua função, segundo Valéry), percebe e se deixa embalar pelo ritmo de canção, pelo batuque compassado, pelas sinestesias de cheiro e gosto e forma que exalam dos versos de um poeta cuja obra, afirma a professora Maria Annunciada Ramos Chaves, “vale por um tratado de sociologia”.

O “homem poético” que foi Bruno de Menezes era, diz Mikel Dufrenne, “conciliador e calmo, gracioso, o que reencontra em si a própria forma da liberdade natural e da espontaneidade, pelo que governa a natureza obedecendo-lhe, e se integra no mundo de modo mais harmonioso que violento”. Essas características estão vivamente expostas em sua obra. O lírico Bruno era, como assinala Fausto Cunha, a propósito do lírico que Mário Quintana também é, “irmão inteiro dessa família que se faz compreender em qualquer tempo e em qualquer língua”. Fascinado pela lua, foi no *Lua Sonâmbula*, de 1953, e em *Poema para Fortaleza*, de 1954, que ele revelou essa comunhão com o mundo e com o homem, essa preocupação fundamental com o ser-em-si, integrado à paisagem onde vivesse.

Sem jamais haver se afastado por completo da forma soneto — tão presente em *Lua Sonâmbula* — o poeta aceita, em 1960, um desafio tão grande quanto o que enfrentou, quase quarenta anos antes, ao introduzir o Modernismo no Pará. Ele, que fora o senhor dos versos livres e brancos; ele, que sentira o prazer de ser livre poética e humanamente, gozando dessa “maravilhosa liberdade dos filhos de Deus”, de que fala o apóstolo Paulo, retornava ao “verso bem martelado”, nascido do fim para o começo, da mesma maneira como crescem os edifícios: de baixo para cima. O motivo era o concurso literário da Academia de Letras de Ilhéus, que oferecia onze “chaves de ouro”, de Guilherme de Almeida, para que os poetas, a partir delas, edificassem sonetos. Participaram do certame poetas de todo o Brasil e quem foi o primeiro colocado? Ele, o “velho” Bruno, que chamaria de volta a rima e o metro para seus *Onze Sonetos* premiados. Mas antes de se ver nessa atitude um possível retorno à poesia de *Crucifixo*, é preciso que se veja a habilidade de um grande poeta, de um verdadeiro artifice da palavra, de um escritor que mudou os rumos da literatura no Pará e que soube unir tradição e modernidade numa obra homogênea e que, definitivamente, consagra o gênio de um artista que pôde fazer da vida um exercício de poesia. E da poesia, um exercício de vida.

\* João Carlos Pereira é escritor e professor da UEPA e da UNAMA.